

O conceito de felicidade em Espinosa

Orion Ferreira Lima¹

Resumo:

O presente artigo investiga, à luz do pensamento de Espinosa, as influências das paixões e das emoções no que concerne ao exercício da liberdade humana. Pretendemos demonstrar que a busca de uma vida livre está na substituição das paixões que diminuem a potência de pensar, por outra, que a aumenta, assegurando, assim, a independência e a serenidade ante as adversidades do meio.

Palavras-chave: Liberdade. Emoção. Razão. Espinosa.

Nada estimo mais, entre todas as coisas que estão em meu poder, do que contrair uma aliança de amizade com os homens que amem sinceramente a verdade.
(ESPINOSA, 1973, p. 81)

Introdução

A partir do tratado sobre a *Ética* de Espinosa, iremos analisar sucintamente as influências das paixões e das emoções no que concerne ao exercício da liberdade humana. O conceito de liberdade, proposto por Espinosa, pressupõe o conhecimento de Deus, uma vez que n'Ele reside à idéia de liberdade absoluta.

Ao considerarmos que há entre a liberdade humana e a liberdade Divina, certo grau de dependência, não queremos celebrar a vitória do determinismo sobre as ações livres dos homens, mesmo porque há na filosofia de Espinosa um sentido nos quais os modos finitos podem ser autodependentes, da mesma forma como Deus o é.

Podemos pensar em modos finitos que são resistentes a danos, às intempéries da natureza, quando feridos se restauram, se protegem quando ameaçados. Esses modos finitos se esforçam em permanecer em seu ser. A essa força Espinosa denominou de *Conatus*.

¹ Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Unesp-campus de Marília e Bacharelado em Filosofia. orionferreira@yahoo.com.br

Na medida em que os seres humanos aumentam o seu *conatus*, mais semelhantes a Deus se tornam, uma vez que todo seu esforço em conservar-se faz com que eles compreendam cada vez mais sua condição e lugar no mundo.

A conquista da liberdade e, conseqüentemente, de uma vida feliz, consiste em buscar idéias adequadas, ou seja, claras e distintas, que estejam mais próximas da substância divina. Ao concebermos idéias adequadas, as compreendemos como emanadas de Deus, livre das ações confusas do tempo, assim como são as verdades matemáticas.

Assim, o homem vive num eterno dilema, a saber, a razão inclina-se ao eterno, enquanto que as paixões e as emoções o impulsionam ao efêmero, ao temporal.

O caminho para se alcançar uma vida feliz implica necessariamente no aperfeiçoamento das emoções. Há muitas paixões que diminuem o nosso *conatus*. E outras, por outro lado, o aumentam. A libertação das paixões escravizadoras se encontra na substituição dessas paixões, assegurando assim a independência e a serenidade ante as adversidades do meio.

A Condição Humana

Em sua *Ética III*, Espinosa afirma: “*A essência do homem não pertence o ser da substância. Por outras palavras, a substância não constitui a forma do homem*” (ESPINOSA, 1973, p. 149). Em outras palavras, o ser da substância deve envolver a existência necessária, de modo que, se o ser da substância pertence à essência do homem, então esse deve necessariamente existir. Sendo assim, a essência do homem é constituída por certos modos dos atributos de Deus. O ser da substância existe em Deus e sem ele nada pode existir ou ser concebido.

A partir dessa afirmação dogmática de Espinosa, somos levados a investigar em que consiste a individualidade humana. Consideremos a belíssima vermelhidão de uma rosa. De acordo com Espinosa, a vermelhidão é um modo de Deus, não obstante, atribuímos a vermelhidão à rosa e não a Deus, do mesmo modo não consideramos a rosa como propriedade de Deus, da mesma forma que a vermelhidão é propriedade da rosa.

Ao observarmos a beleza de uma rosa podemos considerá-la como um indivíduo independente e não como um estado transitório da substância divina. Há na filosofia de Espinosa um sentido nos quais os modos finitos podem ser

autodependentes. Podemos pensar em alguns modos finitos que são resistentes a danos, as intempéries da natureza, quando feridos procuram se restaurar e mais, se protegem quando ameaçados. Esses modos finitos se esforçam em permanecer em seu ser. A essa força, Espinosa denominou *CONATUS*.

Espinosa nos diz:

As coisas singulares, com efeito, são modos pelas quais os atributos de Deus se exprimem de uma maneira certa e determinada, coisas que exprimem de uma maneira certa e determinada à potência de Deus em virtude da qual ele existe e age; e nenhuma coisa tem em si nada porque possa ser destruída, isto é, que suprima a sua existência; mas, ao contrário, ela opõe-se a tudo p que poderia suprimir sua existência. E, por conseguinte, esforça-se por perseverar no seu ser quanto pode e isso está em seu poder. (1973, p. 189).

Quanto mais conatus tem uma coisa, tanto mais ela se torna independente, isto é, mais ela é “em” si mesma. Os animais, diferentemente do seres inanimados, como as pedras, evitam ferimentos e se protegem dos seus predadores. Basta lembrarmos aqui o exemplo de uma simples ameba, um ser unicelular, que ao ser espetado por uma pinça encolhe-se toda, como que “fugindo” do “algoz” cientista. Muitos dos animais quando se encontram doentes buscam por si mesmos a cura de seus males (quem nunca viu um cachorrinho comendo mato logo após sofrer um desconforto gastrointestinal), salvo exceções em que o ferimento é muito grande e grave, de modo a destruir por completo o seu conatus.

Essas são as razões pelas quais atribuímos aos animais algum tipo de autodependência e singularidade, ao passo que as pedras nada mais são do que pedras.

Nas palavras de Espinosa:

Digo que pertence a essência de uma coisa aquilo que, sendo dado, faz necessariamente com que a coisa exista e que, sendo suprimida, faz necessariamente com que a coisa não exista; por outras palavras, aquilo sem o qual a coisa não pode nem existir nem ser concebida e, reciprocamente, aquilo que, sem a coisa, não pode nem existir nem ser concebida. (1973, p.143).

Para Scruton (2000), todo esforço do corpo é também um esforço da mente. Na esfera dita “mental” esse esforço equivale ao que dizemos por vontade. Quando descrevemos pessoas, damos ênfase ao elemento da consciência que faz com que elas tenham não somente apetites, mas estejam cientes deles. Sendo assim, falamos de desejo. Nas palavras de Espinosa:

[...] entre o apetite e o desejo não há nenhuma diferença, a não ser que o desejo se aplica geralmente aos homens quando tem consciência do seu apetite e, por conseguinte, pode ser assim definido: o desejo é o apetite de que se tem consciência. É, portanto, evidente, em virtude de todas essas coisas que não nos esforçamos por fazer uma coisa que não queremos, não apetecemos nem desejamos qualquer coisa porque a consideramos boa; mas, ao contrário, julgamos que uma coisa é boa porque tendemos para ela, porque a queremos, a apetecemos e desejamos”. (1973, p.190).

Na visão de Espinosa, todos os seres que povoam o mundo, de modo especial os organismos complexos, como nós seres humanos, dotados de consciência e autocompreensão, são os que mais se assemelham a Deus. Na medida em que os seres humanos aumentam o seu conatus, mais similares a Deus se tornam, uma vez que todo esse esforço em conserva-se faz com que eles compreendem de maneira cada vez mais profunda sua condição e lugar no universo.

A liberdade humana nas mãos de Deus

A natureza humana está sempre inclinada ao engano, ou seja, possui um conhecimento limitado do mundo. Na concepção de Espinosa:

[...] a mente humana, todas as vezes que ela percebe uma coisa na ordem comum da natureza, não tem um conhecimento adequado nem de si mesma, nem do seu corpo, nem dos corpos exteriores, mas somente um conhecimento confuso e mutilado”. (1973, p. 166).

Dentre tantas formas de engano em que o homem está sujeito, talvez seja a crença em uma vontade livre a que mais o atinge.

Nas palavras de Espinosa:

Os homens enganam-se quando julgam livres, e esta opinião consiste apenas em que eles têm consciência de suas ações e são ignorantes das causas pelos quais são determinadas. O que constitui, portanto, a idéia da sua liberdade é que eles não conhecem nenhuma causa das suas ações. Com efeito, quando dizem que as ações humanas dependem da vontade, dizem meras palavras das quais não tem nenhuma idéia. Efetivamente, todos ignoram o que seja à vontade e como é que ela move o corpo. Aqueles que se vangloriam do contrário e inventam uma sede e habitáculos para a alma provocam mais riso ou então náusea. (1973, p. 166).

Somos levados a considerar nossa própria condição humana e, a partir de um exame metódico, lançar luz ao caminho da liberdade. Devemos partir do princípio de que todas as idéias existem em Deus, como modificações do seu pensamento. Nossa mente é uma criação de Deus, de modo que participamos do intelecto divino. Quanto mais o homem alcançar idéias adequadas, mais próximo estará da substância divina.

Utilizamos muitas vezes de nossa linguagem natural para descrever a Deus e seus atributos, mesmo sabendo que esta nos é inadequada, haja vista o fato de Deus ser Eterno, ou seja, não está sujeito à geração e a corrupção do tempo.

Espinosa nos diz:

As coisas são concebidas por nós, como atuais, de dois modos: ou enquanto concebemos que elas existem com relação a um tempo e a um lugar determinados, ou enquanto concebemos que elas estão contidas em Deus e que resultam da necessidade da natureza divina”. (1973, p.300).

Na medida em que concebemos idéias adequadas, nós as compreendemos como que emanando de Deus, livre dos entraves confusos do tempo, assim como concebemos as verdades matemáticas. De acordo com Espinosa, “*a alma humana tem um conhecimento adequado da essência eterna e infinita de Deus*” (ESPINOSA, 1973, p.174).

Ora, uma concepção adequada do mundo só pode se dar “*sob o aspecto da eternidade*” (*sub specie aeternitatis*), isto é, do mesmo modo como Deus vê o mundo, pois Ele é idêntico a ele e é assim que nós também o vemos, na medida em que participamos da visão de Deus.

Quando alcançamos um conhecimento adequado, nos aproximamos mais da substância divina, do mesmo modo que entendemos nossa própria natureza sob o véu do tempo.

Assim, a natureza humana vive um eterno dilema: a razão inclina-se ao eterno enquanto que as necessidades do mundo nos impulsionam para o temporal. Talvez, conforme intensificamos nossa vivência em torno da “*sub specie aeternitatis*,” somos levados a nos afastar dos efeitos perniciosos do tempo e nos adentramos no mistério da eternidade.

Essa condição dicotômica entre o eterno e o temporal se alarga cada vez mais quando o homem compreende sua natureza, suas paixões e emoções. Para Espinosa,

todas as paixões humanas têm como causa a percepção que o homem tem do mundo, ou seja, não há possibilidade de se ter uma paixão afastando-se das percepções corporais.

Em busca de uma vida feliz

Em sua *Ética III*, Espinosa propõe tratar das paixões e das emoções com o mesmo rigor geométrico que até então utilizou para descrever sua teoria. Em suas palavras:

A emoção do ódio, cólera, inveja, etc, consideradas em si mesmas, resultam da mesma necessidade e da mesma força da natureza que as outras coisas singulares, por conseguinte, elas têm causas determinadas tão dignas do nosso conhecimento como as propriedades de todas as outras coisas cuja mera contemplação nos dá prazer. (ESPINOSA, 1973, p 183).

Para que possamos compreender essa idéia devemos analisar três definições de Espinosa em sua *Ética III*:

Definição I – Chamo causa adequada aquela cujo efeito pode ser claro e distintamente compreendida por ela; chamo causa inadequada ou parcial aquela cujo efeito não pode ser conhecido por ela.

Definição II - Digo que somos ativos (agimos quando se produz em nós, ou fora de nós), qualquer coisa que somos a causa adequada... Por outro lado, digo que somos passivos quando alguma coisa se produz em nós... de que somos senão a causa parcial.

Definição III – Por emoção eu entendo as modificações do corpo, pelo qual a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecendo ou entavando, assim como as idéias dessas modificações. (1973, p.184).

A primeira definição reúne dois conceitos fundamentais, a saber, causa e idéia adequada. Scruton (2000) acredita que Espinosa ao falar de causa referia-se a explicação. Assim sendo, a idéia de causação se assemelha a relação lógica entre premissa e conclusão. Uma explicação dita perfeita é aquela que segue os moldes de um raciocínio dedutivo, isto é, o conhecimento do efeito resulta do conhecimento da causa.

A segunda definição centra-se em torno dos conceitos de ação e paixão. O homem é ativo quando está em relação com as coisas que podem ser explicadas por sua natureza. Contrariamente, ele é passivo quando esta explicação origina-se de uma causa externa.

A terceira e última definição toca em um ponto peculiar do pensamento espinosano: a relação entre corpo e alma. Diferentemente de Descartes, que postulava haver uma interação entre essas duas substâncias, diga-se de passagem, “distintas”, por meio da glândula pineal, Espinosa coloca em evidência a idéia de corpo. Para Espinosa, sentir uma emoção não envolvia uma relação entre corpo e mente conduzida por meio de “espíritos animais” até a dita “glândula pineal”, mas era simplesmente uma condição corporal, e ao mesmo tempo, a idéia dessa condição. Poderíamos dizer que é aquilo que ocorre dentro de nós quando nosso conatus aumenta ou diminui.

A partir dessas considerações, Espinosa postula sua doutrina moral. Como já vimos a mente se constitui ativa quando ela é capaz de possuir idéias adequadas, e é passiva quando possui idéias inadequadas. Com efeito, nos afirma Espinosa:

A nossa alma, quanto a certas coisas, age (é ativa), mas quanto a outras sofre (é passiva), isto é, enquanto tem idéias adequadas, é necessariamente ativa, em certas coisas; mas enquanto tem idéias inadequadas, é necessariamente passiva em certas coisas. (1973, p.184).

Segundo Espinosa, há uma distinção entre fazer coisas e sofrer ação das coisas. Porém, esta distinção é somente de grau, pois sendo Deus a causa completa de todas as coisas, somente ele age sem sofrer ação alguma (como nos lembra Aristóteles ele é o motor que move todas as coisas sem sofrer à ação do movimento).

No entender de Espinosa, podemos nos assemelhar cada vez mais a Deus se nos ascendermos em nossas idéias, por meio do conhecimento, substituindo nossas percepções confusas por idéias adequadas.

As idéias não possuem efeitos físicos, porém, a cada idéia na mente corresponde a uma modificação no corpo. Ao descrevermos um efeito físico como sendo uma ação, na verdade queremos dizer que a sua causa física é o correlato de uma idéia mais ou menos adequada. Quanto mais adequada é a idéia mais a causa é interna ao sujeito.

Desse modo, idéias adequadas significam potência. Uma pessoa que usa adequadamente sua razão é aquela que se esforça por um aumento em sua potência, de modo a transformar a paixão em ação e tornar-se mais livre.

A fim de alcançarmos essa liberdade, entendida aqui como sinônimo de felicidade, Espinosa nos sugere o caminho do aperfeiçoamento das emoções. Mas em que consiste para Espinosa uma emoção?

As emoções resultam de um aumento ou diminuição da potência e, como vimos, potência é sinônimo de perfeição. A alegria, por exemplo, é uma paixão que nos impulsiona para a perfeição superior, enquanto que a tristeza é a paixão que nos arrasta para o inferior. Mas também vimos que há todo um esforço do ser em permanecer em “si” mesmo (conatus). Quando este esforço está de alguma forma relacionada à mente, Espinosa o chama de vontade, mas se ele se refere tanto ao corpo quanto à mente chama-se apetite. Em sendo assim, aquilo que denominamos desejo nada mais é do que o apetite ao lado da consciência desse fato.

Na medida em que buscamos satisfação de nossos desejos, deparamo-nos com situações de alegria, se estas são satisfeitas, caso contrário, tornam-se fonte de insatisfação e tristeza.

Na filosofia de Espinosa, a mente e o corpo se movem em paralelo, ou seja, a mudança na estrutura corporal representa também uma mudança na potência mental. Mas esse paralelismo não deve ser entendido como constituído por duas substâncias distintas, à la Descartes, mas sim como parte de um único todo. De acordo com Espinosa: *“Se uma coisa aumenta ou diminui, facilita ou reduz a potência de agir do nosso corpo, a idéia dessa mesma coisa aumenta, facilita ou reduz a potência de pensar de nossa alma”* (1973, p.190).

É muito comum observarmos no dia-a-dia que basta termos um ferimento em nosso corpo, de maneira a diminuir a potência de agir do corpo, que automaticamente diminuimos nossa potência de pensar. É muito difícil estudarmos com atenção quando estamos com uma dor de dente. Tornamo-nos passivos quando nossas idéias corporais diminuem sua potência. A esse processo de diminuição de potência física que implica necessariamente em uma diminuição de potência da mente que Espinosa denomina escravidão. Scruton (2000) considera a corrupção emocional sinônimo de corrupção intelectual, de modo que se uma pessoa deixar-se levar por suas paixões, então inevitavelmente ela terá uma imagem distorcida do mundo.

Como podemos então nos libertar de uma paixão escravizadora?

Espinosa nos aponta o caminho da substituição das paixões que diminuem nossa potência, por aquelas que aumentam nossa potência de pensar. O que Espinosa nos propõe não é um mundo ascético, à la Idade Média, nem reclusa a solidão dos mosteiros, na intimidade com Deus. Ele não proclama a vitória da mente sobre o corpo.

Na concepção de Espinosa, mente e corpo são idênticos. A saúde de um deles implica inextricavelmente na saúde do outro. Assim, se justifica a necessidade de aumentar cada vez mais a potência, tanto do corpo quanto da mente. Se nos preocuparmos em melhorar a mente com certeza melhoraremos o corpo.

Referências

DESCARTES, R. *Obra escolhida*. Tradução de Bento Prado Júnior. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

ESPINOSA, B. *Pensamentos Metafísicos. Tratado da Correção do Intelecto. Ética. Tratado Político. Correspondências*. Tradução de Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

HIRSCHBERGER, J. *História da Filosofia Moderna*. Tradução de Alexandre Correio. São Paulo: Herder, 1960.

SCRUTON, R. *Espinosa*. Tradução: Angélica Elisabeth Konke. São Paulo: Unesp, 2000.